

ENTREVISTA COM SELVA GUIMARÃES

Diogo da Silva Roiz¹

(Diogo Roiz) 1) Profa. Selva Guimarães² gostaríamos de agradecer seu apoio com nosso projeto³ e é um enorme prazer tê-la aqui conosco. Poderia começar nos falando um pouco por que escolheu fazer o curso de História na UFU? Como eram as aulas e os professores? Quais autores eram mais estudados no curso, algum lhe marcou neste momento? Quando iniciou suas pesquisas?

(Selva Guimarães) Gosto de História e Educação. Sempre defendi a formação permanente. Costumo dizer que não nasci professora, mas nasci e cresci “predestinada” a ser professora. O Curso Normal era o meu caminho. Meus pais decidiram que as oito filhas seriam professoras. Por quê? Para meus pais, conseguir formar os filhos era um ideal de vida, a herança inestimável que poderiam nos deixar. O Curso Normal (em nível médio) era muito respeitado no interior do Brasil como espaço de formação das moças. O Curso Normal formava hábitos, atitudes, valores, educava as moças para uma vida familiar e, como extensão, formava professoras para o magistério da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

O Curso Normal era o ideal, segundo meus pais, pois ali suas filhas poderiam se formar, aprender um ofício e, uma vez normalistas, poderiam trabalhar, durante meio período, permitindo assim, conciliar a jornada de trabalho com os afazeres domésticos, ou seja, cuidar da casa e da família no outro período do dia. Outro fator, valorizado por ele, era o ambiente de trabalho saudável (familiar) nas escolas, um lugar adequado para mulheres,

¹Diogo da Silva Roiz é professor associado aos cursos de Pedagogia e de Ciências Sociais da UEMS, e dos programas de pós-graduação em Educação e do ProfHistória. Doutor em História pela UFPR, onde também concluiu estágio de pós-doutorado em 2015. E-mail: diogors@uems.br. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8952-7826>.

² Nota do entrevistado: Esclareço que desde 2010 não assino “Fonseca”. Algumas respostas ao questionário foram adaptadas do Memorial intitulado “Como me tornei professora: narrativa de uma experiência docente”, apresentado à Banca Examinadora da Progressão para a Classe de Titular, em 2015. Este texto não foi publicado.

³ O roteiro de questões foi apresentado em dezembro de 2017 e nos foi entregue em junho de 2018. O questionário integra o projeto: “Biografias intelectuais: trajetórias de pesquisadoras pioneiras nos estudos históricos brasileiros”, contemplado no edital 013/2015 – Memórias Brasileiras: Biografias, lançado pela Capes em 2014, com vigência entre 2016 e 2019.

onde não se convivia, em geral, com outros homens, mas com crianças, mulheres e famílias. Uma terceira justificativa para a escolha era o fato de a mulher-professora ter um salário e, assim, poder contribuir para o sustento da família, ajudando o esposo (o casamento era inerente à condição juvenil) nas despesas da casa. Um quarto e último elemento merece ser mencionado: a terminalidade do Curso Normal que ensinava um ofício e favorecia a precoce entrada no mercado de trabalho. Sabia meu pai o quão elitista era o ensino superior naquele momento histórico e as dificuldades da família para ofertar o ensino superior aos seus filhos. Não só era difícil o acesso, devido aos poucos cursos universitários existentes no interior de Minas Gerais(o que implicava em deslocamentos, mudanças), como também devido ao elevado custo que representava para o orçamento das famílias. As ações e as ideias de meu pai devem ser compreendidas nas circunstâncias em que ele viveu, no seu tempo e lugar social. Ao analisá-las, no presente, é possível identificar dimensões da realidade educacional naquele período histórico. Suas ideias, de certo modo, representavam o pensamento que justificou a feminização do magistério dos anos iniciais e que dificultou, historicamente, a profissionalização da carreira docente. O destino se cumpriu, as oito filhas se formaram normalistas e se tornaram professoras nas diversas áreas do saber e níveis de ensino.

Ingressei-me no Curso Normal, em um colégio bem conceituado, feminino, católico – dirigido por freiras, no auge da Ditadura. Apreendi muito. Por isso, questioneei, muito o fim melancólico das escolas normais, em nível médio, no Brasil. A história dessas escolas merece ser preservada, narrada e contada às novas gerações⁴. A formação combinava as disciplinas propedêuticas e as do campo pedagógico e técnico. Hoje, avalio que o projeto pedagógico do Colégio Normal era pautado no ideário “segurança nacional e desenvolvimento econômico”, que chegavam às escolas por meio dos instrumentos legais, como as Diretrizes da Reforma Educacional de 1971.

Recordo-me dos conteúdos privilegiados no Curso. Por exemplo, na disciplina “Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º Grau”, ainda se faz presente a memorização dos principais artigos da Lei 5.692/71 que regulamentava o então ensino de 1º e 2º graus. Outros aspectos enfatizados no Curso Normal – no contexto da ordem religiosa, feminina, em tempos de autoritarismo – foram marcantes e, por que não dizer, alguns decisivos na

⁴ GUIMARÃES, S. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas: Papyrus, 1993.

minha formação. Dentre eles, destaco as atitudes que caracterizavam o ser boa professora: a higiene pessoal; o modo de vestir-se; o comportamento; a linguagem; o respeito para com os alunos, os colegas de trabalho e as famílias; a disciplina; a responsabilidade e o envolvimento institucional; a organização das aulas, desde o modo de fazer, cotidianamente, o “caderno de planos”, até a execução das aulas, a avaliação dos alunos e as reuniões de pais e mestres, momentos de exposição e discussão dos resultados.

Por outro lado, posso afirmar que não aprendi nada. Nada sobre o que se passava no País naquele momento histórico. O contexto social e político da época não era explicitado, nem sequer mencionado em sala de aula e no Colégio. Prevalcia o silêncio. Não havia espaço para questionamentos, debates, discussões. A hierarquia, a disciplina, o rigor com a formação atitudinal eram as chaves de organização do processo de ensino e aprendizagem e das atividades escolares. Um dos requisitos para a conclusão do curso, além dos estágios da prática de ensino, dos relatórios, da avaliação de desempenho nas diferentes disciplinas era a confecção de um lindo caderno de “datas cívicas”. Gostei muito de aprender a ensinar os conteúdos de estudos sociais, a matemática moderna e também de aprender a alfabetizar as crianças por meio dos métodos silábico e global. História, Geografia, Língua Portuguesa e Literatura eram minhas disciplinas favoritas.

A História ensinada era a chamada história tradicional, os grandes fatos, os marcos da história política do Brasil e da história europeia no passado distante. Não me lembro de ter estudado algo sobre a história da África, da América, para além da ênfase na era pré-colombiana. Os indígenas eram vistos de forma idealizada, folclórica, objeto de comemoração, por isso o dia 19 de abril figurava no caderno de datas cívicas. A escola incentivava a participação nos desfiles cívicos, nas comemorações. Tínhamos (eu e minhas colegas) muito orgulho de participar da fanfarra feminina, a única composta só por mulheres na cidade. E, assim, aprendi a ser professora primária, como era conhecido no senso comum, os primeiros anos de escolaridade. Fui, durante o Curso Normal, uma estudante aplicada e totalmente alienada dos problemas do País. Mas, com uma certeza que me impulsionava: a educação é um direito fundamental dos cidadãos, condição básica para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Não tive dificuldades para ser aprovada no Concurso Público para o Magistério de Minas Gerais.

Nunca pensei em parar de estudar. Tinha clareza de que o Curso Normal era apenas o início do meu percurso. No entanto, a realidade era difícil para os jovens de baixa renda. A continuidade dos estudos em nível superior somente seria possível em uma universidade pública, gratuita e ainda, em um curso que me permitisse conciliar os estudos e o trabalho no Magistério (dois períodos), minha fonte de sustento. A opção por Estudos Sociais e depois História não foi por acaso. Na UFU, durante a Ditadura, foi implantado o Curso de Licenciatura Curta em Estudos Sociais, entrada obrigatória para os estudantes que desejassem estudar História e Geografia. Por que esse Curso? A escolha se deu no meu momento de abertura para o mundo, no momento de abertura política do Brasil.

Eram os primeiros anos de carreira docente. Vivíamos, intensamente, a organização dos movimentos sociais. Nos anos de 1978 e 1979, passei por um processo, que eu chamo de desalienação. Era como se um véu que cobria os acontecimentos começasse a ser retirado, e eu, lentamente, começava a enxergar coisas que, até então, nem sequer supunha acontecer neste País. A efervescência dos movimentos sociais e das greves me seduzia e, ao mesmo tempo, me intrigava. Certo dia, quando iniciava a aula às 7 horas da manhã, em uma turma de alfabetização de uma escola pública estadual, chegou, à porta da minha sala, uma colega professora, mais experiente, e me disse: “Estamos em greve, dispense seus alunos e vamos nos reunir na praça”. Aquele momento foi definitivo, um divisor na minha trajetória. Lembro-me do misto de medo, alegria e preocupação (responsabilidade) para com as crianças que ficariam sem aulas. A esperança venceu o medo, como disse, certa vez, Luiz Inácio Lula da Silva. Fui para a praça... que se tornou mais um espaço de aprendizagem, assim como, as ruas, o pátio da Igreja onde nos reuníamos, os sindicatos. Foi a primeira e uma das mais longas greves dos professores públicos de Minas Gerais. Obtivemos vários ganhos para a carreira docente e essa greve culminou com a fundação da União dos Trabalhadores da Educação – UTE. A militância passou a ocupar parte importante da minha vida nos anos seguintes.

Nesse processo de desvelar a realidade sócio, econômica e cultural do País, senti a necessidade de compreender melhor a história do Brasil. Daí, a opção pelo vestibular para Estudos Sociais, com a sequência História. Havia, naquela época, uma busca pelo curso de Pedagogia. Era recorrente, nas conversas da sala de professores, ouvir sobre as vantagens desse Curso: em primeiro lugar, uma vez formada, você podia *sair da sala de aula*, ser

diretora, supervisora, orientadora e inspetora de ensino, ocupações muito valorizadas durante a Ditadura, quando predominou a ênfase no tecnicismo pedagógico. Em segundo lugar, algo importante: os salários desses cargos eram e ainda são, em geral, superiores aos dos professores. As vantagens me atraíam sim, mas não me seduziram. A entrada na UFU foi uma vitória, pois como trabalhava dois períodos, estudava a noite, me preparando para o vestibular, que passava a ser muito competitivo com as notícias da federalização e gratuidade dos cursos que formavam a Universidade. Foram anos intensos, pois além de ser professora, estudante universitária. Os tempos iniciais do Curso de Licenciatura Curta foram de mobilização dos alunos e professores na luta pela extinção do Curso de Estudos Sociais, liderada pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, sob a presidência da Profa. Déa Ribeiro Fenelon. Em 1980, Déa Fenelon esteve na UFU. Foi um momento singular para os estudantes. Ouvimos com muita atenção e admiração a voz de uma historiadora competente, combatente, que muito nos motivou a lutar em defesa da História. Era o momento da campanha nacional contra o Parecer do Conselheiro Paulo Natanael, do então Conselho Federal de Educação, que propunha a transformação de todos os cursos de História e Geografia em um curso único de Estudos Sociais, com habilitações em História, Geografia, Educação Moral e Cívica – EMC e Organização Social e Política do Brasil – OSPB. Os alunos e professores da UFU se engajaram na campanha que foi vitoriosa, pois o proponente, pressionado pelos movimentos, acabou por retirar o projeto. Os cursos de Licenciatura Curta em Estudos Sociais foram, paulatinamente, extintos nos anos de 1980 e 1990.

O currículo do Curso de Estudos Sociais era realizado em cinco semestres, composto de um leque de disciplinas da área de Ciências Humanas: História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Antropologia, Psicologia e Educação. Ademais, eram obrigatórias na UFU, além de Língua Portuguesa, Metodologia do Trabalho Científico – MTP, Educação Física e Estudos dos Problemas Brasileiro – EPB, disciplina criada pelos curriculistas que serviram ao MEC no período ditatorial. Assim, o currículo do Curso era similar aos dos demais cursos criados pelo Brasil, porém com uma carga horária superior aos ofertados pela iniciativa privada.

A característica do Curso era a preparação para o ensino, um curso livresco, à exceção dos trabalhos de campo, organizados pela disciplina de Geografia Física. Exigia-se

muito dos alunos em termos de leituras. Mas, apesar dos esforços de dedicados professores, não havia iniciação para a pesquisa.

Anos mais tarde, na investigação realizada no Curso de Mestrado, utilizei a expressão “desqualificação estratégica” dos professores de História, uma vez que esses cursos habilitavam, de forma rápida e barata, professores polivalentes despreparados para o exercício da crítica em relação à sociedade e ao conhecimento (GUIMARÃES, 1993).

Ao final da Licenciatura Curta, a turma se dividiu, sendo que a maioria dos alunos optou por continuar os estudos na Licenciatura Plena em Geografia e a menor parte para a Licenciatura em História. A minha turma, em História, era formada por 12 alunos, sendo que apenas uma colega ainda não havia ingressado no mercado de trabalho. Era uma turma de alunos trabalhadores. Como havia carência de professores, na rede pública de ensino, em várias disciplinas, dentre elas EMC e OSPB, os estudantes eram admitidos na carreira docente, como professores contratados. No meu caso, como era professora dos anos iniciais, passei a ministrar também aulas de História, EMC e OSPB nos anos finais do ensino fundamental. Nesse tempo de “abertura”, no início dos anos de 1980, começa a ocorrer, em Uberlândia, um “desvio ideológico” dessas disciplinas, expressão usada por Werneck da Silva, ao analisar o ensino dessas disciplinas no estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, lembro-me de ter organizado um programa de ensino de OSPB, com temas de interesse dos alunos trabalhadores: a legislação trabalhista, a questão da mulher, dos jovens no trabalho e assim por diante. A nossa (minha e dos meus colegas de turma) posição era clara: ocupar os espaços e transgredi-los. Hoje, olhando retrospectivamente, avalio que a Licenciatura em Estudos Sociais deu uma contribuição à minha formação. Não se trata de louvar, nem tampouco negar as críticas, anteriormente, reiteradas. Mas, é lícito reconhecer que o Curso me propiciou construir uma atitude interdisciplinar não só em relação ao ensino, mas também à posterior formação em pesquisa.

O Curso de Licenciatura Plena em História foi um momento ímpar, pois coincidiu com as intensas lutas pela democratização do Brasil, em particular da Campanha pelas Diretas. Para mim foi, especialmente, formativo e prazeroso as aulas, as leituras críticas e debates de textos de autores da chamada nova história francesa e da historiografia inglesa, além de clássicos da historiografia brasileira com professoras, como Margareth Rago (hoje professora titular aposentada da Unicamp) e Iraci Galvão Sales (professora titular

aposentada da UFU), recém chegadas a Uberlândia. Eram anos do “repensar”.... a política, a educação e o ensino etc.... Várias obras foram lançadas, neste período, com o título: Repensar... E, assim, na Prática de Ensino fomos brindados em 1984, com o clássico livro, “Repensando a História”, organizado pelo Professor Marcos Silva da USP, o qual muito nos instigou a pesquisar acerca do ensino e aprendizagem de História, ainda na Graduação. Iniciei a prática de pesquisa articulada ao ensino no processo de formação inicial no Curso de Licenciatura em História.

(DR) 2) O seu livro “Caminhos da história ensinada” é hoje uma referência incontornável e indispensável para se conhecer a história ensinada nos anos 1970 e 1980. Foi inicialmente apresentado na USP como dissertação de mestrado, orientada pelo prof. Marcos Silva. Poderia nos falar como iniciou a pesquisa e como conheceu o prof. Marcos Silva? Que tipo de dificuldades encontrou no “caminho” e como foi o processo de escolha do “caminho” a seguir para concluir o trabalho? Pode nos falar um pouco como foi o processo de transformação do texto da dissertação em livro? Que tipo de auto-avaliação faria hoje desse texto e como observa os “caminhos” que seu livro abriu para os estudos sobre o ensino de história no Brasil?

(SG) “Caminhos da História Ensinada” é o texto da Dissertação, defendida em 1991, produto do Mestrado na Universidade de São Paulo, lançado integralmente pela Papyrus em 1993. A pós-graduação foi mais uma etapa do meu percurso formativo, marcado por muitas descobertas, aprendizados e desafios. O primeiro e permanente desafio: desbravar a metrópole São Paulo, com tudo o que ela representa para quem chega: sedução e medo; as mudanças de clima em um só dia; o trânsito, as ruas, avenidas e praças; os problemas sociais (nunca me esqueci da imagem dos moradores de rua dormindo nas calçadas frias, nas noites de inverno no centro de São Paulo); a poluição, o estranhamento, os temores, mas também os encantos e as possibilidades. Concordando com Caetano Veloso: “quem vem de outro sonho feliz de cidade, aprende depressa a chamar-te de realidade, porque [SAMPA] és o avesso do avesso do avesso do avesso. ” Outro desafio era vencer a distância de 550 km, entre Uberlândia e São Paulo, nas cansativas viagens semanais feitas

de ônibus. Na Universidade de São Paulo – USP, a sensação era de ansiedade e desejo de conhecer: os professores-pesquisadores que eram e ainda são referências teóricas na nossa área; conhecer os colegas (paulistanos e forasteiros) e fazer novas amizades; as bibliotecas, enfim... tudo aquilo que os estudantes do interior do Brasil imaginavam sobre a maior Universidade da América Latina. O terceiro desafio, que não está separado dos outros, foi a definição do projeto de pesquisa, a partir das questões que me instigavam na graduação a formulação de um problema, a busca e a seleção dos documentos, a crítica às fontes e aos modelos teóricos, o rigor metodológico, a produção de textos até à publicação dos resultados.

Nesse processo, conheci algumas pessoas que muito contribuíram para minha formação como professora universitária e pesquisadora, mas sem dúvida, foi definitiva a orientação do professor Marcos Silva, jovem pesquisador, criativo, crítico, militante (fiz parte do primeiro grupo de orientações de Marcos Silva na pós-graduação). Sua orientação, ao mesmo tempo, delicada, respeitosa, amiga, mas firme e instigante se estendeu às indicações das disciplinas que cursei em diferentes Institutos da USP. Muito me marcaram as professoras Ecléa Bosi, da Psicologia; Ruth Cardoso e Elisabeth Souza Lobo, das Ciências Sociais; Maria Hermínia Tavares de Almeida, das Ciências Políticas, e Carlos Vesentini, do Departamento de História. Na USP, aprendi muito sobre o funcionamento da pós-graduação, o que muito me ajudou, quando, posteriormente, assumi a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU por 3 mandatos. Defendi a Dissertação de Mestrado em 1993 e, na sequência, iniciei a formação no Doutorado, na mesma instituição, com o mesmo orientador no mesmo campo de investigação.

Após esse ciclo de formação, ao longo da carreira, criei e aproveitei várias estratégias, dispositivos e espaços de formação permanente, considerados informais e também nos formais. Dez anos após a conclusão do Doutorado, realizei um estágio pós-doutoral, durante um ano, na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a supervisão da Professora Ernesta Zamboni. Acredito que as atividades de formação permanente nos espaços institucionais são resultantes de múltiplas determinações e relações, de vontades/responsabilidades individuais e coletivas. Na atualidade, os desafios da formação são parte da luta pela profissionalização docente. Nesse sentido, por tratar-se de problemas

complexos, demandam políticas sistêmicas capazes de dar respostas às múltiplas dimensões dos problemas sócio educacionais do país.

Ressalto que a minha iniciação à pesquisa se deu no Curso de Licenciatura Plena em História e foi uma motivação para repensar a prática pedagógica. Nesse sentido, tentávamos (nós – eu e outros colegas de turma) articular práticas de pesquisa nos dois espaços formativos: a sala de aula da escola fundamental e do curso de Licenciatura. Lembro-me que, nesse sentido, uma de nossas iniciativas foi a produção de textos, alternativos ou complementares aos dos livros didáticos. Olhando para esse passado, posso dimensionar nossa juvenil pretensão de substituir autores consagrados na historiografia escolar, como Maria Efigênia Lage de Resende e Francisco de Assis Silva, pelos nossos simples textos mimeografados. Dessa experiência, nasceu meu objeto de investigação que apresentei ao Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo.

O projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado, na Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Marcos Silva, era fruto das inquietações que nos acompanhavam há anos, como descrevi na introdução no livro:

Ao iniciar minha carreira (como professora de História) muito me impressionou o que parecia uma lacuna existente entre a História que se discutia e se produzia na Academia e aquela destinada ao ensino de 1º e 2º graus. Questionava, então, por que determinados temas eram privilégio de várias leituras e interpretações no espaço acadêmico e nem sequer mencionados nos currículos e livros didáticos de 1º e 2º graus. Ou, quando mencionados, apenas uma versão se impunha como verdade absoluta sobre o tema. (GUIMARÃES, 1993: 11)

Nesse sentido, tentei responder a seguinte questão: “Quais caminhos estratégicos, polêmicos e até mesmo sinuosos percorreram as propostas de transformações dos diferentes aspectos constitutivos do ensino de História?” (GUIMARÃES, 1993:12). Utilizando de vários documentos (currículos, leis, diretrizes, livros didáticos e paradidáticos), analisados de forma crítica, complementos com entrevistas orais, investiguei os percursos da História como disciplina nos currículos do ensino fundamental, no interior do projeto de educação institucional, articulado com as mudanças ocorridas no âmbito das Universidades e da indústria cultural brasileira. O estudo centrou-se, basicamente, na configuração da história emergente das mudanças ocorridas nos anos de 1970 e 1980, sobretudo nas experiências de

reformas curriculares desenvolvidas nos Estados de Minas Gerais e São Paulo. Com base nos documentos e na literatura especializada, discuti a historicidade das mudanças pós 1964 e os desdobramentos decorrentes desse processo, no âmbito da educação brasileira, nos dois tempos: nos anos da Ditadura e no período marcado pelas lutas democratização do País. Desse modo, várias dimensões constitutivas do ensino de História foram analisadas, tais como, o controle ideológico da disciplina, a formação de professores, os currículos, leis, diretrizes, os livros didáticos e outras. Para minha surpresa a Dissertação tornou-se o livro “Caminhos da história ensinada” e, após mais de duas décadas da primeira publicação, foi reeditado pela 13ª vez em 2015. Hoje, essa pesquisa me ajuda a pensar e a enfrentar as tentativas de controle ideológico e criminalização dos professores, censura aos materiais didáticos como propõe setores conservadores da sociedade e o movimento “Escola Sem partido”.

(DR) 3) “Ser professor no Brasil” é igualmente um texto marcante e foi originalmente sua tese de doutorado, também orientada pelo prof. Marcos Silva. Curiosamente, apesar de todos os méritos do texto, parece que não se inseriu em nossa historiografia educacional tal como “Caminhos da história ensinada” alcançou; até por que foi uma tentativa bem sucedida de sair de explicações externas e adentrar no próprio âmago da questão do ensino, investigando o papel exercido pelo(a) professor(a): a quem se deveu tal distinção e recepção diferenciada dos textos entre os leitores(as) e pesquisadores(as)? Além disso, poderia nos contar um pouco da história deste texto e como foi à definição deste “novo” objeto de pesquisa?

(SG) A história da minha experiência no campo do ensino de História teve continuidade na pesquisa realizada por nós (eu e Prof. Marcos Silva), no período de 1993-1996, no Curso de Doutorado na Universidade de São Paulo, orientada também pelo Prof. Dr. Marcos Silva. Inspirados nos estudos de memória, experiência e história oral, desenvolvi um estudo no campo da história oral sobre vidas de professores de História, que culminou na defesa na Tese: “Ser professor de História no Brasil: história oral de vida”. A tese foi publicada pela Editora Papirus, em 1997, com o título “Ser professor no Brasil: história oral de vida”. Por quê? Na pesquisa desenvolvida no Mestrado, focalizei a externalidade do

ensino e aprendizagem em História e conclui que uma das chaves, talvez a mais importante, para compreender o processo, é pessoa-professor – suas concepções, seus saberes, sua história, a formação e as práticas pedagógicas desenvolvidas. A investigação demandou uma ampliação de leituras no campo da formação e da identidade do professor de História, bem como, um longo e lento trabalho de realização de entrevistas orais, em profundidade, com professores de História (homens e mulheres) que viviam e atuavam em diferentes regiões do Brasil. A opção metodológica foi a história oral de vida, o que me conduziu a um campo de pesquisa interdisciplinar, pois envolve história, educação, psicologia, sociologia e política, dentre outras áreas do saber. O resultado foi a construção de narrativas de doze professores de História de diferentes regiões do Brasil, com histórias e experiências diversas nos diferentes níveis de educação e em particular no ensino de História na educação básica. Quanto à recepção dos dois trabalhos há uma diferença: o primeiro, “Caminhos....” atingiu e ainda atinge um público amplo, desde professores da educação básica e superior, alunos de graduação, pesquisadores. O livro foi indicado na Bibliografia de vários Concursos e adquirido por Bibliotecas e pelo MEC. Foi um sucesso editorial que jamais sonhei. Avalio que o Livro assumiu uma lacuna, havia carência de uma obra que sistematizasse a história do ensino de História nos dois tempos: Ditadura e Democratização. O título “Caminhos... passou a ser utilizado por muitos autores. O percurso do livro “Ser professor... foi totalmente diferente e restrito, atingiu pesquisadores, alunos de pós-graduação em educação e História. Houve em torno da obra um interesse metodológico, sobre a história oral de vida, a construção das narrativas de professores, muito maior que as histórias, as memórias dos professores e professoras, colaboradores da investigação. A Editora fez apenas duas edições da Obra. Hoje recebo pedidos de muitos mestrandos e doutorandos para quem envio o PDF do Livro. Também considero, ainda hoje, um interesse metodológico. Gosto muito das narrativas, das experiências de vida ali registradas. Histórias diversas vividas por sujeitos em espaços diferentes do Brasil. Muito ricas!

(DR) 4) Seu percurso depois do doutorado é muito promissor. Como foi seu retorno na Universidade Federal de Uberlândia como docente em meados dos anos 1980? Como foi seu ingresso no curso de Pedagogia e no programa de Educação?

(SG) Iniciei minha trajetória na UFU por meio de Concurso Público para a Faculdade de Educação. Assumi a disciplina que ministrei 30 anos – Metodologia do Ensino de História e Geografia no Curso de Pedagogia da UFU. Em 1993, coordenamos a realização do I Encontro Nacional de Pesquisadores da Área de Ensino de História.

O Evento atraiu pesquisadores de diferentes universidades. Foram dois dias de ricos debates e, ao final, decidimos que o Evento teria continuidade, sendo o próximo na Universidade Federal Fluminense. Assim, deixo registrado que a continuidade, a consolidação e internacionalização do Evento é produto de esforço coletivo de equipes das seguintes universidades: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal Fluminense, Universidade de Campinas, Universidade de Ijuí, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Estadual de Londrina. Plantamos uma sementinha em Uberlândia, que prosperou e gerou muitos frutos, porque foi trabalho do coletivo. O Grupo cresceu e foi, aos poucos, motivando a formação de novos pesquisadores. As ações desse grande Grupo têm se pautado pelas relações de troca de experiências, realizando interlocução com outras áreas do conhecimento, construindo a interface Educação e História.

Ao estabelecer esse diálogo com o passado, tenho orgulho em registrar, neste percurso de vinte anos, que a realização do Evento e o Grupo, rede de pesquisadores, envolvidos na empreitada, contribuíram para motivar a ampliação da produção científica e das publicações que têm como objeto de investigação o ensino e a aprendizagem em História nas Universidades em colaboração e/ou por professores da educação básica e superior. Do mesmo modo, evidenciamos a ampliação dos grupos de pesquisa e do número de pesquisadores nas Universidades, os intercâmbios internacionais, a ampliação dos fluxos, da circulação de textos, estudos, pesquisas entre as diversas instituições. E, por último e não menos importante, ocorreu a consolidação dos eventos acadêmicos da área como espaços de formadores professores, realizados de dois em dois anos, de modo alternado – o Encontro “Perspectivas do Ensino de História” e o “Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História – ENPEH”.. Portanto, o ENPEH, como é conhecido, desempenha um importante papel como espaço e um tempo de formação, de cidadania – desafio permanente de quem vive, sofre, faz, aprende, ensina, transforma a história. Portanto, o ENPEH, como é conhecido, desempenha um importante papel como espaço e um tempo de formação, de cidadania – desafio permanente de quem vive, sofre, faz,

aprende, ensina, transforma a história. Em 2009, coordenamos a realização do Perspectivas em Uberlândia, na UFU.

Após a defesa da tese, em 1996, ocorreu a minha inserção no jovem Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Em 1997, iniciamos uma reforma curricular e a formação da linha de pesquisa “Saberes e Práticas Educativas”. Essa Linha envolve as investigações em didática, formação de professores e no ensino das diferentes disciplinas. Assumimos a coordenação do Programa em três Gestões, quando tive oportunidade de participação na Comissão de Área da Capes, do Grupo de Consultores do CNPq e da Câmara de Ciências Humanas da FAPEMIG. Também registro que com o término do Doutorado, presidi a ANPUH-MG no período 1997-1999.

(DR) 5) Ao mesmo tempo sua produção com o prof. Marcos Silva definiu toda uma linha de estudos sobre a história do ensino de história, como o mostra o texto: “Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido”. Como foi se estabelecendo esta parceria de estudos e pesquisas? Quais intercâmbios possibilitaram entre a UFU e a USP?

(SG) A parceria com o professor Marcos Silva completa 30 anos em 2018. Estamos em 2018, lançando um novo texto, capítulo de um Livro, sobre “A necessidade da História no ensino fundamental: dos PCN à BNCC. Conheci Marcos Silva por meio dos textos e das palestras. Desde o início do Curso de Mestrado na USP, construímos uma relação de parceria, colaboração e amizade. Escrevemos vários textos juntos, participamos de eventos, coletâneas, bancas, enfim várias atividades no campo do ensino de História. Como fruto dos estudos sobre a formação de professores de História produzimos o livro “Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido”, publicado em 2007. O livro evoca novos e velhos temas, percursos e documentos, sugestões curriculares e espaços de pesquisa: Programas de pós-graduação, políticas públicas, propostas empresariais, movimentos sociais e experiências práticas de ensino e pesquisa que se referem ao nosso campo de trabalho não são agentes mágicos. Pensar criticamente sobre a multiplicidade das abordagens teóricas, técnicas e políticas dedicadas ao Ensino de História, portanto, é uma

de nossas principais metas. O conflito entre interpretações é visto como uma riqueza do debate própria ao espaço público, oposta ao “vale tudo” e ao “vale somente uma coisa” autocentrados, que encaramos como esvaziamentos da reflexão. No primeiro capítulo “Entre a formação básica e a pesquisa acadêmica”, produzimos uma análise a respeito da formação do Profissional de História e de seu trabalho com a Escola Básica, Fundamental e Média, relacionando-os às atividades acadêmicas (graduação e pós-graduação) de ensino e pesquisa na mesma área, defendendo a legitimidade de horizontes de pesquisa em diferentes graus de ensino e aprendizagem.

A colaboração de Marcos Silva com a UFU em especial ao GEPEGH nos enriquece muito no campo teórico, metodológico e das sensibilidades. Marcos Silva é um grande historiador, educador militante e engajado, intelectual crítico e um artista talentoso e plural. Suas atividades como cantor, pintor, desenhista, autor, leitor, divulgador, roteirista e outras expressões culturais e artísticas são expressivas. Aprendi e aprendo muito com ele. Como orientanda e companheira de trabalho, nas lutas pelo ensino de História, minha gratidão e admiração.

(DR) 6) Por outro lado, com Ernesta Zamboni, Circe Bittencourt, Elza Nadai e Katia Abud, vocês formam a base sobre a qual houve o desenvolvimento, desde os anos 1980, dos estudos sobre o ensino de história no Brasil. Poderia nos contar um pouco desta história: aproximações e distanciamentos, projetos em comum, participações em bancas (de concurso e defesas), discussões e críticas?

(SG) A relação com a Professora Ernesta teve início no período de Pós-Graduação na USP. Em 2006 iniciei o Estágio Pós-Doutoral realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a supervisão de Ernesta Zamboni, então líder do Grupo Memória e Ensino de História. Participei ativamente das reuniões, atividades do Grupo, com os demais integrantes de diversas instituições do país e também de alguns pesquisadores estrangeiros que lá estiveram neste período. Um dos resultados da investigação e do debate coletivo foi publicado o Livro “Espaços de formação do professor de História”, organizado por mim e Ernesta Zamboni, em 2008. O livro apresenta uma cartografia de formação de professores de História, ressaltando espaços, dimensões, leituras críticas sobre processos, possibilidades

e limites, problemas e contradições. Evidencia também a importância do intercâmbio científico, nacional e internacional, na área de formação de professores e ensino de História entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros (Espanha, Portugal, Argentina e Brasil). O primeiro contato com as Professoras Elza Nadai e Circe Bittencourt se deu em junho de 1988 foi realizado o primeiro evento “Perspectiva do Ensino de História”, na Faculdade de Educação da USP, com o apoio da ANPUH, do Departamento de História da USP e da Associação dos Professores do Ensino Público do Estado de São Paulo – APEPOESP. A organização do primeiro Evento, segundo palavras da coordenadora, Elza Nadai, que nos deixou nos anos 1990, “foi uma resposta aos insistentes apelos dos professores endereçados à nossa Associação. No histórico Simpósio da ANPUH, realizado em Brasília em 1987, foi acolhida a proposta de realização de um Encontro sobre Ensino de História, bem como o de publicação de um número especial da Revista Brasileira de História, dedicada ao Ensino de História(1988, p.13). Em 1993 e 1994 fui nomeada juntamente com Elza Nadai para a 1ª Comissão Nacional de Avaliação dos Livros Didáticos da primeira etapa dos anos iniciais, no Governo Itamar Franco e do Professor Murilo Hinguel. Essa Comissãoelaborou os primeiros critérios de avaliação dos LD e avaliamos um acervo substantivo de LD. Esse trabalho foi a Base para as avaliações seguintes no Governo FHC. Aprendi muito com a Professora Elza que nos deixou após a Conclusão deste trabalho.

A Professora Circe Bittencourt sempre foi uma interlocutora em Bancas, debates, textos. Uma professora pesquisadora muito importante para a nossa Área

(DR) 7) Falando agora mais especificamente de sua trajetória profissional, como foi sua experiência em orientar outras pesquisas? Como foi o processo de organização e consolidação de grupos de pesquisa na UFU, dos quais a professora faz parte?

(SG) Considero o Grupo de Pesquisa uma condição essencial para o processo de formação dos pesquisadores e para os desafios que cercam o desenvolvimento de pesquisas com relevância teórica e significado social. Nesse percurso narrativo, não poderia deixar de registrar a criação e consolidação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História e Geografia – GEPEGH, vinculado à Linha de Pesquisa “Saberes e Práticas Educativas” do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED Mestrado e Doutorado, na Faculdade

de Educação da UFU. O Grupo foi, oficialmente, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa e certificado pela UFU no ano 2000, como um Grupo interinstitucional que reúne pesquisadores, professores da educação básica e educação superior, alunos da graduação e pós-graduação. O Grupo foi fundado, por mim, com foco na formação docente e no ensino e aprendizagem de História. No seu movimento, mais precisamente em 2007 – com a contratação de Iara Vieira Guimarães como professora da Faced, geógrafa com Doutorado em Educação e experiência de pesquisa na área de ensino de Geografia – o coletivo de pesquisadores, democraticamente, decidiu pela ampliação dos objetos de estudos, do escopo do Grupo, incorporando o ensino e aprendizagem de Geografia. Desde então, a professora assumiu a vice-liderança do Grupo e seus orientandos, os estudantes de graduação e pós foram incorporados. Desde então, a professora assumiu a vice-liderança do Grupo e seus orientandos, os estudantes de graduação e pós foram incorporados.

O GEPEGH reúne pesquisadores de vários níveis e envolve estudos e pesquisas a respeito de processos formativos, focalizando a tríade sujeitos, saberes e práticas educativas. O eixo norteador são as relações entre a formação de professores, os saberes e as práticas, buscando compreender os processos pelos quais os sujeitos (professores e alunos) se apropriam e re/constroem os saberes. O Grupo desenvolve investigações acerca dos processos de formação inicial e continuada de professores que atuam no ensino fundamental, médio e superior; modos de constituição dos saberes e das práticas pedagógicas no cotidiano escolar; diferentes dimensões dos processos de ensinar e aprender História e Geografia nos diferentes níveis e modalidades de ensino (educação infantil, ensino fundamental, médio, superior) em escolas urbanas e rurais, públicas e privadas; como diferentes artefatos culturais, linguagens e materiais são incorporados nas culturas, currículos, saberes e práticas escolares. Desse modo, o trabalho coletivo do Grupo tem como meta produzir conhecimentos nessa área de investigação científica e contribuir, de forma efetiva, para a produção e reflexão dos saberes e das práticas educativas no campo do ensino e da aprendizagem de História e Geografia.

A história da experiência do Grupo tem sua origem nas pesquisas realizadas pelos docentes/pesquisadores nos processos de formação como pesquisadores em Programas de Mestrado e Doutorado no campo do ensino de História e Geografia na Universidade de São

Paulo, Universidade de Campinas e Universidade Federal de Uberlândia. Relaciona-se também à nossa (minha e dos demais professores do Grupo) inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU, como docentes, pesquisadores e orientadores nos âmbitos da Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. O grupo, hoje faz parte de redes nacionais e internacionais. Desenvolvemos projetos individuais e coletivos com o apoio das Agencias Nacionais e participação de pesquisadores estrangeiros. Nesse sentido, talvez, o GEPEGH seja, de fato, um legado importante para as novas gerações de pesquisadores.

(DR) 8) Entre os frutos desse intenso trabalho poderíamos citar os livros: “Ensino de História e cidadania”, “Ensinar e aprender história”, “Currículo, saberes e culturas escolares”, “Ser jovem no Brasil” e “Espaços de formação do professor de história”. Poderia nos contar um pouco dessa fase de sua carreira: como foi a elaboração desses projetos, em alguns casos frutos de seminários e congressos, e que geraram essas produções?

(SG) Todos os livros são frutos de parcerias. O livro “Ensino de História e cidadania”, é fruto de uma parceria internacional construída nos últimos anos com pesquisadores estrangeiros, contando com a colaboração de Francois Audigier, grande estudioso francês da Didática da História e a formação de cidadãos. Os demais livros “Ensinar e aprender história”, é fruto da colaboração dos pesquisadores mineiros da Área de Ensino de História. A coletânea “Currículo, saberes e culturas escolares”, é um trabalho da Linha de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas da UFU e “Ser jovem no Brasil” é resultado de uma parceria com o jovem pesquisador Astrogildo Fernandes da Silva Júnior, da área de ensino de História. Portanto, todas as coletâneas são frutos de pesquisas coletivas.

(DR) 9) O livro “Didática e prática de ensino de História” é ao lado de “Caminhos da história ensinada” outro de seus textos mais lidos e citados. De 2003, quando houve a primeira edição, para 2012, quando houve a 13ª edição revista e ampliada do texto, ocorreram mudanças substanciais no livro, de tal modo que esta edição saiu com

quase o dobro de páginas das anteriores. Poderia nos falar um pouco do processo de produção desta obra e como foi o trabalho de revisão e ampliação do texto?

(SG) Enquanto desenvolvia pesquisas, orientava dissertações e teses, elaborava propostas de ensino, seja no Laped – Laboratório Pedagógico, construído pela Equipe de Metodologias de Ensino da qual fazia parte em 1987, com minhas alunas do Curso de Pedagogia ou em Cursos de Especialização, seja nos programas de formação de professores, tornei-me uma produtora de livros de difusão de metodologias e práticas de ensino de História para professores e de livros didáticos para alunos do ensino fundamental.

Como narrei na apresentação do Livro “Didática ..., ao longo da minha experiência como professora dos anos iniciais, de História e depois como professora de Metodologia do Ensino de História e Geografia, selecionei, reuni, produzi e guardei vários materiais de ensino como textos, artigos de jornais, de revistas, seleções de documentos, relatos de experiências, vídeos, seleções de filmes, textos literários, canções, poemas, crônicas e até mesmo os cadernos de planos de aulas. Muitos desses materiais, vestígios de uma experiência acumulada, encontravam-se dispersos, guardados em pastas, armários, disquetes, arquivos, alguns sobreviveram no anonimato, outros foram mimeografados para alunos, outros estavam apenas transcritos em transparências, outros, fotocopiados, publicados e alguns revistos por alunos e colegas. A cada ano, a cada curso, novas atividades, e nem sempre dispunha de tempo para sistematizar, organizar e refletir sobre as práticas, os saberes e fazeres de sala de aula, os saberes da nossa experiência docente. (GUIMARÃES, 2012). Assim, justifico a produção de meu livro “Didática e Prática de Ensino de História”⁵, publicado pela primeira vez em 2003.

A publicação desse livro era um sonho antigo. Sonho de partilhar, dialogar com os professores que estão na sala de aula nas escolas brasileiras, como eu um dia estive. Muitas vezes, em palestras, cursos, ouvi apelos do tipo: professora, como posso fazer? Que tipo de material usar? Como planejar? Queria, de certo modo, dar algumas respostas, propor atividades, contribuir para a prática, não apresentando soluções prontas, receitas. Nunca acreditei em fórmulas fáceis. Assim, encarei mais um desafio: selecionar, organizar,

⁵GUIMARÃES, Selva. *Didática e Prática de Ensino de História*. 13a reedição revista e ampliada. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2012. v. 1. 443 p.

sistematizar e apresentar algumas reflexões e práticas de ensino de História desenvolvidas por mim e por diversos professores, formadores, pesquisadores e alunos em diferentes espaços e épocas. Nessa perspectiva, o livro visa contribuir para a articulação e a troca de experiências entre os professores; favorecer o debate e a reflexão sobre diferentes temas, problemas e fontes do ensino de História; socializar e debater experiências didáticas, saberes e práticas educativas, projetos e resultados de pesquisas no campo do ensino de História, desenvolvidos em diversos espaços de produção e difusão dos saberes históricos; e contribuir para a melhoria da qualidade do ensino fundamental e da formação de professores na área do ensino e aprendizagem em História.

O conteúdo do livro se inspirou no roteiro do programa de ensino da disciplina que ministrava no curso de graduação. Alguns textos são análises de resultados de pesquisa; outros, relatos de experiência, sugestões metodológicas produzidas em diferentes momentos e realidades escolares. Para não simplificar, fragmentar algo bastante complexo como o processo de ensino e aprendizagem, esforcei-me para não ser prescritiva e normativa. Ou seja, reitero que não foi minha pretensão apresentar um receituário, um manual de respostas prontas e acabadas, mas sim contribuir para o cotidiano da sala de aula. A intenção era apresentar mais uma fonte, um espaço de conversa, diálogo com professores de História, Didática, Metodologia, Prática de Ensino, formadores de professores e com aqueles que atuam na educação básica. O livro foi acolhido pelos docentes, passou a ser também utilizado nos cursos de formação de professores. O retorno e o diálogo com os professores de diferentes regiões do Brasil muito me orgulha e enriquece o meu trabalho.

Após uma década da conclusão da primeira edição em 2003, aceitei o desafio de revisar, atualizar, enfim reescrever a 13ª edição da obra. Isso significou dialogar com diferentes temporalidades. Nestes anos, muitas histórias foram construídas, desconstruídas, escritas, narradas e contadas. O país mudou, o ensino de História mudou. Ocorreu de forma crescente o desenvolvimento das novas tecnologias de informação. Todas as mudanças exigiram de mim um grande esforço de leituras, pesquisas para rerepresentar uma obra em sintonia com o debate educacional, historiográfico e o contexto sócio político e cultural em que vivemos.

Assim, na primeira parte apresento análises acerca de algumas das principais dimensões do ensino de História no Brasil. Seleccionamos temas que consideramos importantes objetos de investigação nos cursos de formação de professores: a história da disciplina, os objetivos, os currículos, as diretrizes legais, as políticas públicas, o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena, as abordagens historiográficas recorrentes no ensino fundamental, a formação inicial e continuada dos professores, a questão dos livros didáticos e a formação da cidadania. A segunda parte da obra apresenta questões didáticas, práticas pedagógicas, sugestões de metodologias, materiais, relatos, técnicas de ensino, recortes, seleções e comentários críticos, visando à troca de experiências entre os profissionais que, cotidianamente, (re) constroem as práticas educativas em sala de aula. Um registro da minha experiência como professora e estudiosa do Área.

(DR) 10) Para encerrar gostaríamos de perguntar quais são seus projetos atuais e quais são suas perspectivas de trabalho (agora que se aposentou) e de pesquisas para o futuro.

(SG) Após o Golpe Parlamentar, no início de 2017 tomei a difícil decisão de assinar a minha aposentadoria, no contexto de ameaças e retirada de direitos conquistados pelos trabalhadores em geral, em particular dos servidores públicos. Continuei atuando na Universidade Federal de Uberlândia como servidora voluntária e professora permanente do PPGED, liderando o GEPEGH -Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Geografia). Coordeno o Projeto de Pesquisa coletivo do Grupo, financiado pela Fapemig em 2017 e Projeto de Pesquisa na modalidade PQ, nível 1B do CNPq, aprovado em 2018. Permaneço orientando pesquisas de Mestrado e Doutorado acadêmico na UFU e, recentemente, passei a fazer parte do Corpo Docente do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Educação Básica da UNIUBE-Uberlândia. Desse modo, permaneço na sala de aula, o lugar onde mais aprendi na vida. Minha atuação docente é pautada na formação de professores, de formadores de professores e pesquisadores (de IC ao pós-Doc. Fim de carreira? Não. Reconheço-me, hoje, como uma professora mais madura intelectual e pedagogicamente. Portanto, não me sinto no início do fim de carreira. Permaneço na luta política em defesa da educação e do ensino e aprendizagem da História

como um direito de cidadania. A educação *escolar* é, para mim, um direito fundante, pois vital para a edificação de uma vida verdadeiramente cidadã. A escola tem responsabilidade pelo mundo, pelo futuro!

Textos de Selva Guimarães:

Artigos

1. CARLETO, ELIANA APARECIDA ; Guimarães, Selva . Literatura infantil na sala de aula: experiências com obras literárias de Ruth Rocha. *ENSINO EM RE-VISTA*, v. 24, p. 244-266, 2017.
2. G.C. SILVA ; GUIMARÃES, Selva . História e cultura afro-brasileira na produção acadêmica. *Educação em Foco* (Juiz de Fora), v. 19, p. 179-202, 2015.
3. GUIMARAES, S.. The teaching of Afro-Brazilian and indigenous culture and history in Brazilian basic education in the 21st century. *Policy Futures in Education* (Online), v. 147821, p. 1-12, 2015.
4. PEREIRA, A. ; GUIMARAES, S. . Ensino de Arte e Cultura Visual: lugares para se pensar a diversidade. *Póesis Pedagógica*, v. 13, p. 17-32, 2015.
5. NASCIMENTO, R. L. S. ; GUIMARAES, S. . Nas Páginas do Diário de Notícias e do Manifesto Pioneiros de 1932: diálogos de Cecília Meireles com a história da educação brasileira. *Cadernos de História da Educação* (Online), v. 14, p. 301-312, 2015.
6. CEREZER, O. M. ; GUIMARAES, S. . Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas. *História & Ensino*, v. 21, p. 125-150, 2015.
7. CEREZER, O. M. ; GUIMARÃES, Selva . Formação de professores de História e ensino de História afrobrasileira e indígena. *Fronteiras: Revista de História*, v. 17, p. 80-104, 2015.
8. GUIMARAES, S.; CARLETTO, E. A. . Narrativas orais e literatura infantil na sala de aula: um desafio interdisciplinar. *Educação & Linguagem*, v. 18, p. 1-25, 2015.
9. PAULA, BENJAMIN XAVIER DE ; Guimarães, Selva . 10 anos da lei federal nº 10.639/2003 e a formação de professores: uma leitura de pesquisas científicas. *Educação e Pesquisa* (USP. Impresso), v. 40, p. 435-448, 2014.
10. Silva Júnior, Astrogildo Fernandes ; Guimarães, Selva . Ensino de História e formação cidadã: um estudo com jovens estudantes em escolas no meio rural e urbano. *Práxis Educativa* (Impresso), v. 8, p. 197-218, 2013.

11. CEREZER, O. M. ; GUIMARÃES, Selva . O Estudo da História e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica:dificuldades e possibilidades. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*, v. 9, p. 187-197, 2013.
12. SILVA JUNIOR, A. F. ; GUIMARÃES, Selva . Jovens, tempo e Historia: leituras de um caleidoscopio. *Eccos Revista Científica (Online)*, v. 32, p. 17-32, 2013.
13. CARVALHO, O. F. ; GUIMARAES, S. . A educação escolar prisional no Brasil: identidade, diretrizes legais e currículo. *Horizontes (EDUSF)*, v. 31, p. 49-57, 2013.
14. GUIMARÃES, Selva; CARVALHO, O. F. . Uma cartografia do ensino de História no Brasil: dissertações e teses produzidas nas IES minieras. *Ensino em Re-vista (UFU. Impresso)*, v. 19, p. 237-252, 2012.
15. Guimarães, Selva. Public Policy and Teacher Education in Brazil after 1990. *Policy Futures in Education (Online)*, v. 10, p. 263-273, 2012.
16. GUIMARÃES, Selva; PAULA, B. X. . La enseñanza de la historia y cultura de África y afrobrasileña en Brasil. *Iber (Barcelona)*, v. 72, p. 52-68, 2012.
17. Guimarães, Selva. Formação de professores de Historia: reflexões sobre um campo de pesquisa(1987-2009). *Cadernos de História da Educação (UFU. Impresso)*, v. 11, p. 285-303, 2012.
18. Guimarães, Selva. La formación continua de profesores de Historia en Brasi: problemas y desafíos. *Reseñas de Enseñanza de la Historia*, v. 10, p. 111-126, 2012.
19. Silva Júnior, Astrogildo Fernandes ; Guimarães, Selva . O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESCOLAS NO MEIO RURAL BRASILEIRO. *Eccos Revista Científica (Online)*, v. 12, p. 469-486, 2011.
20. GUIMARÃES, Selva; MENDONÇA, Jaqueline Aparecida . La construccion de las identidades juveniles y del pensamiento historico:um estudio con jóvenes estudianties brasileños. *Revista Iberoamericana de Educación (Online)*, v. 55, p. 1-10, 2011.
21. Estevam, Humberto Marcondes ; GUIMARÃES, Selva . Avaliação do perfil de egressos do programa de pós-graduação stricto sensu em educação da ufu: impacto na formação docente e de pesquisador (2004-2009). *Avaliação (UNICAMP)*, v. 16, p. 703-730, 2011.
22. ROCHA, C. B. ; GUIMARÃES, Selva ; SILVA JUNIOR, A. F. . Ensinar e aprender História: as relações entre saberes e práticas como campo de formação e pesquisa. *Horizonte Científico (Uberlândia)*, v. 5, p. 1-30, 2011.
23. GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antonio da . Enseñar Historia en Brasil:indagaciones sobre los curriculos prescritos. *Enseñanza de las Ciencias Sociales*, v. 9, p. 41-50, 2010.

24. GUIMARÃES, Selva. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 91 228, p. 390-407, 2010.
25. ZAMBONI, Ernesta ; Fonseca, Selva Guimarães . Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. *Cadernos CEDES* (Impresso), v. 30, p. 339-353, 2010.
26. Silva, Marcos Antônio da ; Fonseca, Selva Guimarães . Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Revista Brasileira de História* (Impresso), v. 30, p. 13-33, 2010.
27. LEME, C. L. S. ; GUIMARÃES, Selva . Knowledge and curricular practices: an analysis on a university-level healthcare course. *Interface* (Botucatu. Impresso), v. 5, p. 23-38, 2010.
28. Lemos, Cristiane Lopes Simão ; Fonseca, Selva Guimarães de . Saberes e práticas curriculares: um estudo de um curso superior na área da saúde. *Interface* (Botucatu. Impresso), v. 13, p. 57-69, 2009.
29. GUIMARÃES, Selva. Cinema e Ensino de História. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. An XLV, p. 150-159, 2009.
30. GUIMARÃES, Selva; SILVA JUNIOR, A. F. . Conciencia histórica, identidades y enseñanza de la Historia en escuelas del medio rural brasileno. *Reseñas de Enseñanza de la Historia*, v. 7, p. 175-197., 2009.
31. GUIMARÃES, Selva; SILVA JUNIOR, A. F. . Enseñar Historia en escuelas rurales en Brasil:saberes e praticas docentes. *Reseñas de Enseñanza de la Historia*, v. 1, p. 215-245, 2008.
32. GUIMARÃES, Selva; SILVA JUNIOR, A. F. . Ser professor de História em escolas rurais: identidades em construção. *Educação & Linguagem*, v. 15, p. 193-226, 2007.
33. GUIMARÃES, Selva. La formación de profesores, las técnicas y prácticas de enseñanza de la Historia: cambios educacionales y culturales en Brasil post 1964. *Revista Iberoamericana de Educación* (Online), v. 44/2, p. 1-9, 2007.
34. GUIMARÃES, Selva; AGUIAR, E. P. . Entre o prescrito e o vivido: o ensino de História na cidade de Vitória da Conquista, BA, BRA, na década de 1990. *Revista da FAGED* (UFBA. Online), v. 11, p. 21-43, 2007.
35. RASSI, M. A. ; GUIMARÃES, Selva . Formação de Professores de História:a experiência da FEPAM. *Revista Alpha* (Patos de Minas), v. 8, p. 36-45, 2007.

36. GUIMARÃES, Selva; COUTO, Regina Célia Do . Formação de professores/as e ensino de História: a perspectiva multicultural em debate. *Linhas Críticas* (UnB), Brasília DF, v. 22, p. 59-74, 2006.
37. GUIMARÃES, Selva; ALVIM, Zeli de Oliveira . Avaliação, currículos e História no ensino médio: um campo de relações. *Revista de Educação* (Campinas), Campinas, v. 21, n.1, p. 75-92, 2006.
38. GUIMARÃES, Selva; MESQUITA, Ilka Miglio de . Formação de professores de História: experiências, olhares e possibilidades. *História Unisinos*, São Leopoldo RS, v. 10, p. 1-22, 2006.
39. RASSI, M. A. ; GUIMARÃES, Selva . Saberes docentes e práticas de ensino de História na escola fundamental e médio. *Saeculum* (UFPB), v. 15, p. 35-50, 2006.
40. GUIMARÃES, Selva. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *História Oral* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 125-141, 2006.
41. GUIMARÃES, Selva; ORTEGA, Antonio Cesar . Política educacional para o mundo rural brasileiro: entre a universalização e a diferenciação de conteúdos. *Ensino em Revista*, Uberlândia MG, v. 12, n.1, p. 1-12, 2004.
42. GUIMARÃES, Selva; MOURA, Michele Cristina . Saberes e práticas pedagógicas de ensino de História: implementação dos PCNs. *Ensino em Revista*, Uberlândia, v. 11, n.1, p. 26-31, 2003.
43. GUIMARÃES, Selva; CORREIA, Wilson Francisco . Currículo, produção e identidades: a ética como saber escolar. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 17, n.34, p. 28-41, 2003.
44. GUIMARÃES, Selva. Dilemas políticos e pedagógicos na formação do professor de História. *Linhas Críticas* (UnB), Brasília DF, v. 7, n.12, p. 71-84, 2002.
45. PIERUCCINI, I. S. ; GUIMARÃES, Selva . Saberes e práticas escolares nas aldeias guarani do Estado do Paraná. *Akrópolis* (UNIPAR), v. 10, p. 18-28, 2002.
46. GUIMARÃES, Selva. Quais Histórias ensinar, quais histórias aprender no século XXI. *Monografia*, Belo Horizonte, p. 02-02, 2001.
47. GUIMARÃES, Selva. Pensar a História, Repensar o Ensino. *Educação e Filosofia*, Uberlândia-MG, v. 14, n.27/28, p. 293-294, 2000.
48. GUIMARÃES, Selva. Livro Didático de História e Geografia: abolir, complementar ou diversificar?. *Ensino em Revista*, Uberlândia, v. 7, n.1, p. 39-47, 1999.
49. GUIMARÃES, Selva. A Nova LDB e o Ensino de História. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte-MG, v. 04, n.20, p. 19-27, 1998.

50. GUIMARÃES, Selva. A UFU e a Formação de Professores. *CORREIO DO TRIANGULO*, p. 3-3, 1997.
51. GUIMARÃES, Selva. Ensinar Historia Atraves de Projetos de Pesquisa. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte - MG, v. 3, n.18, p. 49-56, 1997.
52. GUIMARÃES, Selva. Didactica da História e Patrimonio Local. *Historia & Perspectivas* (UFU), São Paulo - SP, v. 31,32, p. 177-179, 1996.
53. GUIMARÃES, Selva. A Formação do Professor de História No Brasil. Estudos Leopoldenses. *Série História*, UNISINOS-RS, v. 32, n.148, p. 103-114, 1996.
54. GUIMARÃES, Selva. Temas Sociais Na Escola Infantil: O Caso da Moradia. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte - MG, v. 259, n.259, p. 36-37, 1996.
55. GUIMARÃES, Selva. O Prazer Em Ensino e Pesquisa. *Historia & Perspectivas* (UFU), Uberlândia-MG, v. 10, n.12/13, p. 281-282, 1996.
56. GUIMARÃES, Selva. O Uso de Diferentes Linguagens No Ensino de Historia e Geografia. *Ensino em Revista*, Uberlândia-MG, v. 4, n.1, p. 53-58, 1995.
57. GUIMARÃES, Selva. O Livro Didatico Em Discussao -Apresentacao. *REVISTA DO LABORATORIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTORIA*, Uberlândia-MG, v. 2, n.2, p. 5-12, 1995.
58. GUIMARÃES, Selva; CICILLINI, Graça Aparecida . Rumo a Copa - A Escola se Une às Emoções do Futebol. *AMAE Educando*, Belo Horizonte-MG, v. 243, n.243, p. 32-37, 1994.
59. GUIMARÃES, Selva; GUIMARÃES, I. V. . Geografia Em Cena. *AMAE Educando*, Belo Horizonte-MG, v. 247, n.247, p. 16-19, 1994.
60. GUIMARÃES, Selva; NADAI, E. ; STAMPACHIO, L. ; TREVISANI, V. . Livros Didaticos de Estudos Sociais: Um Perfil da Produção Braileira. *Ensino em Re-vista* (UFU. Impresso), Uberlândia-MG, v. 1, n.3, p. 41-51, 1994.
61. GUIMARÃES, Selva. A História Na Obra de Walter Benjamin e a História Ensinada No Brasil. *Educação e Filosofia*, Uberlândia-MG, v. 8, n.15, p. 43-49, 1994.
62. GUIMARÃES, Selva; GUIMARÃES, I. V. . Ilha das Flores: Luz, Critica e Acao Nas Aulas de Historia e Geografia. *Ensino em Revista*, Uberlândia-MG, v. 2, n.2, p. 83-89, 1993.
63. GUIMARÃES, Selva. O Ensino de Historia e Geografia Nas Series Iniciais: A Tematica Regional. *Ensino em Revista*, Uberlândia-MG, v. 1, n.1, p. 43-48, 1992.

64. GUIMARÃES, Selva. A Producao Historiografica Brasileira Na Decada de 70:Uma Revisao. *Educação e Filosofia*, Uberlândia-MG, v. 5, n.9, p. 57-67, 1991.
65. GUIMARÃES, Selva. A Historia Ensinada No 1. e 2. Graus e a Constituicao da Memoria Historica. *Cadernos de História* (UFU), Uberlândia-MG, v. 2, n.2, p. 37-51, 1991.
66. GUIMARÃES, Selva. Ensino de Historia: Diversificacao das Abordagens. *Revista Brasileira de História*, São Paulo-SP, v. 9, n.19, p. 197-208, 1989.
67. GUIMARÃES, Selva; DANGELO, N. . Cultura e Historia Na Escola de 1. Grau. *Revista Brasileira de História*, São Paulo-SP, v. 15, p. 277-281, 1988.
68. GUIMARÃES, Selva; DANGELO, N. . A Reformulacao Curricular Para O Ensino de Historia Em Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, Uberlândia-MG, v. 3, n.5,6, p. 241-246, 1988.
69. GUIMARÃES, Selva; MARTINS, O. F. M. J. M. M. . A Propósito da Promoção do Docente Na UFU. *Educação e Filosofia*, Uberlândia-MG, v. 3, n.5,6, p. 247-251, 1988.

Livros publicados/organizados ou edições

1. GUIMARÃES, Selva. *Didática e Prática de Ensino de História*. 13a reed.rev e ampliada 5a reimp. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2018. v. 1. 443p .
2. GUIMARÃES, Selva; Neto, G. W (Org.) . *Mestrado profissional: implicações para a educação básica*. 1. ed. Campinas SP: Alínea, 2018. v. 1. 230p .
3. GUIMARÃES, Selva. *Ensino Fundamental: conteúdos, metodologias e praticas*. 2a ed. revisada. 2. ed. Campinas: Atomo & Alínea/Fapemig, 2017. v. 1. 335p .
4. GUIMARAES, S. *Ensino de História e Cidadania*. 1. ed. Campinas SP: Papyrus, 2016. v. 1. 336p .
5. GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antonio da . *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. 4a edição. 3. ed. Campinas SP: Papyrus, 2014. v. 1. 144p .
6. GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da História ensinada* (13a edição). 13. ed. Campinas: Papyrus, 2014. v. 1. 169p .
7. GUIMARÃES, Selva; SILVA JUNIOR, A. F. . *Ser jovem no Brasil: trajetórias juvenis no campo e na cidade*. 1. ed. Campinas SP: Alinea, 2012. v. 1. 164p .
8. FONSECA, S. G. (Org.) ; GATTI JÚNIOR, D. (Org.) ; GUIMARÃES, Selva (Org.) . *Perspectivas do ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica*. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 1. 419p .

9. Fonseca, Selva Guimarães de. *Currículos, saberes e culturas escolares* (2a edição). 2a. ed. Campinas SP: Alinea, 2011. v. 1. 225p .
10. FONSECA, S. G. (Org.) ; GUIMARÃES, Selva (Org.) . *O ensino de História na produção científica das IES Mineiras*. 1. ed. Uberlândia MG: EDUFU, 2010. v. 1. 240p.
11. GUIMARÃES, Selva. *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. 1. ed. Campinas SP: Atomo & Alínea/FAPEMIG, 2009. v. 1. 300p .
12. GUIMARÃES, Selva. *Fazer e ensinar História*. 1. ed. Belo Horizonte MG: Dimensão, 2009. v. 1. 296p .
13. GUIMARÃES, Selva; ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Espaços de formação do professor de História*. 1. ed. Campinas SP: Papirus, 2008. v. 1. 288p .
14. GUIMARÃES, Selva. *Ser Professor No Brasil: Historia Oral de Vida*(reedição). 3a. ed. CAMPINAS: PAPIRUS, 2006. v. 1. 280p .
15. GUIMARÃES, Selva; BARAUNA, S. M. (Org.) ; MIRANDA, Arlete Bertoldo (Org.) . *O uno e o diverso na educação escolar*. 1. ed. Uberlandia: Edufu, 2005. v. 1. 136p .

Capítulos de livros publicados

1. GUIMARAES, S.. Práticas interdisciplinares na formação continuada de professores: desafios do mestrado profissional em educação. In: Selva Guimarães; Wenceslau Gonçalves Neto. (Org.). *Mestrado profissional: implicações para a educação básica*. 1ed.Campinas SP: Alinea Editora, 2018, v. 1, p. 149-162.
2. GUIMARAES, S.; SILVA, Marcos Antonio da . A necessidade da História no ensino fundamental: dos PCNs à BNCC. In: Ilma Passos Alecanstro Veiga; Edileuza Fernandes da Silva. (Org.). *Ensino fundamental: da LDB à BNCC*. 1ed.Campinas SP: Papirus, 2018, v. 1, p. 227-248.
3. GUIMARAES, S.; JARA, M. A. . La investigación y la practica en Didactica de las Ciencias Sociales. In: Miguel Angel Jara; Antoni Santisteban. (Org.). *Contribuciones de Joan Pages al desarrollo de la didáctica de las ciencias sociales, la historia y la geografia*. 1ed.Cipolletti Barcelona: UNCOM UAB, 2018, v. 1, p. 251-261.
4. GUIMARÃES, Selva. È possível alfabetizar sem a História? Ou ... como ensinar História alfabetizando. In: Fonseca, Selva G.. (Org.). *ENSINO FUNDAMENTAL conteúdos, metodologias e práticas* 2a ed revisada. 2ed.Campinas: Atomo & Alínea/Fapemig, 2017, v. 1, p. 209-231.
5. MACHADO, L. C. ; GUIMARÃES, Selva . Professores Formadores de professores: um estudo em cursos de Licenciatura em História e Pedagogia. In: Isabel Maria Sabino de Farias; Silvia Maria Nobrega-Therrien; Lélia Cristina Silveira de Moraes. (Org.).

Formação e desenvolvimento profissional em Educação. 1ed.São Luis: EDUFMA, 2017, v. , p. 290-310.

6. GUIMARAES, S.. Ensinar História: formar cidadãos no Brasil democrático. In: Selva Guimaraes. (Org.). *ENSINO DE HISTORIA E CIDADANIA*. 1ed.Campinas SP: Papirus, 2016, v. 1, p. 75-106.

7. PEREIRA, A. ; GUIMARAES, S. . Diversidade sexual e ensino de artes de artes visuais: debates entrelaçados. In: Norma-Iracema de Barros Ferreira. (Org.). *Interfaces da educação: historia, politica, saberes e práticas para além da fronteira amazônica*. 1ed.Uberlandia MG: Navegando Publicações, 2016, v. 1, p. 115-134.

8. NASCIMENTO, R. L. S. ; GUIMARAES, S. . Dialogos entre formação e cidadania: contribuições de Cecilia Meireles para a educação. In: Norma-Iracema de Barros Ferreira. (Org.). *Interfaces da educação: historia, politica, saberes e práticas para além da fronteira amazônica*. 1ed.Uberlandia MG: Navegando Publicações, 2016, v. 1, p. 283-304.

9. GUIMARAES, S.; FRANCO, A. P. . Experiencia en la formulación curricular para la enseñanza de la historia en la educación básica: negociaciones y aprendizajes. In: Deni Trejo Barajas y Juana martinez Villa. (Org.). *LA HISTORIA ENSEÑADA A DISCUSIÓN*. Retos epistemológicos y perspectivas didácticas. 1ed.Morelia, Michoacán, México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2015, v. , p. 1749-1768.

10. CEREZER, O. M. ; GUIMARAES, S. . Formação de professores de história no Brasil e diversidade cultural. In: Deni Trejo Barajas y Juana Martinez Villa. (Org.). *LA HISTORIA ENSEÑADA A DISCUSIÓN*. Retos epistemológicos y perspectivas didácticas. 1ed.Morelia, Michoacán, México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2015, v. , p. 1783-1795.

11. SILVA, Marcos Antonio da ; GUIMARÃES, Selva ; LOSNAK, C. J. ; MURILO, M. S. ; CARDOSO, M. ; SILVA, M. G. ; SOUZA, S. A. ; SILVA, T. F. . Foi há 30 anos, era ditadura. In: Maria Auxiliadora Schmidt & Katia Abud. (Org.). *50 anos de ditadura militar -capitulos sobre o ensino de História*. 1ed.Curitiba Pr: W & A Editores, 2014, v. 1, p. 107-130.

12. GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antonio da . La producción académica sobre la enseñanza de la historia en Brasil(1993-2010):una cartografía. In: Sebastian Plá; Joan Pagés. (Org.). *La investigación en la enseñanza de la Historia en America Latina*. 1ed.Cidade do México: Bonilla Artigas Editores/UPN, 2014, v. 1, p. 71-87.

13. GUIMARÃES, Selva. Lineas de investigacion en la formacion del profesorado de Historia en Brasil; la diversificacion de los abordajes. In: Joan Pagés; Antoni Santisteban. (Org.). *Una mirada al pasado y un proyecto de futuro*. 1ed.Barcelona, Espanha: UAB, 2014, v. 2, p. 285-2913.

14. GUIMARÃES, Selva; ALVES, T. K. C. . A América Latina no ensino de História: um estudo em escolas do ensino médio. In: Marcos Silva. (Org.). *História: que ensino é esse?*. 1aed.Campinas: Papyrus, 2013, v. 1, p. 137-153.
15. GUIMARÃES, Selva. Aprender a contar, a ouvir, a viver: as narrativas como processo de formação(reedição). In: Ilma Passos Alencastro Veiga. (Org.). *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações(reedição)*. 2ed.Campinas: Papyrus, 2012, v. 1, p. 137-162.
16. GUIMARÃES, Selva. La formación universitaria de profesores de Historia y la enseñanza de la participación ciudadana en Brasil. In: Nicolas de ALBA FERNANDEZ; Francisco F, GARCIA PEREZ; Antoni SANTISTEBAN FERNANDEZ. (Org.). *Educación para la participación ciudadana en la enseñanza de las Ciencias Sociales*. 1ed.Sevilla Espanha: Díada Editora SL, 2012, v. II, p. 339-347.
17. GUIMARÃES, Selva; ARRUDA, E. P. ; VIEIRA, G. I. . Formação docente, saberes e práticas de ensino de História e Geografia. In: Andrea maturano Longarezi; Silvana Malusá; Iara Vieira Guimarães. (Org.). *Pesquisas educacionais - formação e prática*. 1ed.Campinas: Alínea, 2012, v. 1, p. 125-152.
18. GUIMARÃES, Selva. Aprender a ensinar História em espaços intersticiais: reflexões sobre o papel formativo do Perspectivas. *Perspectivas do ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica*. 1ed.Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, v. 1, p. 275-285.
19. GUIMARÃES, Selva; GUIMARÃES, I. V. . Narradores de Javé e narrativas de professores: espaço, tempo e identidade. In: SILVA, Marcos e RAMOS, Alcides Freire. (Org.). *Ver História ? O Ensino vai aos filmes*. 1ed.São Paulo: Hucitec, 2011, v. 1, p. 247-265.
20. Guimarães, Selva; SILVA JUNIOR, A. F. ; ROCHA, C. B. . Saberes em movimento: formação de formadores de professores de História. In: Marcos Daniel Longhini. (Org.). *O uno e o diverso na educação*. 1ed.Uberlândia MG: EDUFU, 2011, v. 1, p. 155-173.
21. GUIMARÃES, Selva; BORGES, Vilmar J. ; SILVA JUNIOR, A. F. . Ensinar geografia e história: relações entre sujeitos, saberes e práticas. In: Selva Guimarães Fonseca. (Org.). *Currículos, culturas e saberes escolares*. 2ed.Campinas: Alinea Editora, 2011, v. 1, p. 31-60.
22. GUIMARÃES, Selva; MACHADO, L. C. . Saberes e práticas docentes de formadores de professores de História. In: Luciola Licínio de Castro Santos et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. 1ed.Belo Horizonte: Autentica, 2010, v. , p. 518-543.
23. FONSECA, S. G. ; GUIMARÃES, Selva . O projeto. In: Selva Guimarães. (Org.). *O ensino de História na produção científica das IES Mineiras*. Uberlândia MG: EDUFU, 2010, v. 1, p. 5-14.

24. GUIMARÃES, I. V. ; GUIMARÃES, Selva . EJA na diversidade -letramento acadêmico e cultural. *Princípios pedagógicos e metodológicos para a EJA*. 1aed.Uberlândia: EDUFU, 2010, v. , p. 99-132.
25. Mendonça, J. A ; GUIMARÃES, Selva . Ensino de História e datas cívicas nas vozes de jovens estudantes do ensino fundamental. In: FONSECA, Selva G.. (Org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. 1ed.Campinas SP: Atomo & Alínea/Fapemig, 2009, v. 1, p. 253-276.
26. GUIMARÃES, Selva. História Nova do Brasil. In: SILVA, Marcos.. (Org.). *Dicionário Crítico Nelson Werneck Sodré*. 1ed.Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, v. 1, p. 195-199.
27. GUIMARÃES, Selva; COUTO, Regina Célia Do . A Formação de professores de História no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In: Fonseca, Selva G; Zamboni, E.. (Org.). *Espaços de formação do professor de História*. 1ed.Campinas SP: Papirus, 2008, v. 1, p. 80-108.
28. GUIMARÃES, Selva. A ousadia de preparar o futuro: a ANPED na organização e defesa de políticas, condições de possibilidades e qualidade da produção científica na área da educação.. In: Marília Araujo Lima Pimentel. (Org.). *Mémórias da ANPED 30 anos*. 1ed.Rio de Janeiro: ANPED, 2007, v. 1, p. 1-15.
29. GUIMARÃES, Selva. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de História na educação básica. In: Ana Maria Monteiro; Arlette Medeiros Gasparello; Marcelo de Souza Magalhães. (Org.). *Ensino de História - sujeitos, saberes e práticas*. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2007, v. 1, p. 149-156.
30. GUIMARÃES, Selva. Aprender a contar a ouvir a viver: as narrativas como processo de formação. In: Ilma Passos Alencastro Veiga. (Org.). *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações*. 1ed.Campinas SP: Papirus, 2006, v. 1, p. 137-162.
31. GUIMARÃES, Selva. Saberes e práticas educativas, fontes orais e histórias de vida: reflexões sobre um campo de investigação. In: Eliseu Clementino. (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação*. 1ed.Salvador/Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, v. 1, p. 239-256.
32. GUIMARÃES, Selva; MESQUITA, Ilka Miglio de . Experiências de formação de professores de História no Estado de Minas Gerais (Anos 1980 E 1990). In: Graça Aparecida Cicillini; Silvana Malusá Baraúna. (Org.). *Formação docente, saberes e práticas pedagógicas*. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2006, v. 1, p. 67-92.
33. GUIMARÃES, Selva. Um balanço dos dez anos de encontros nacionais de pesquisadores na área do ensino de História. In: ARIAS NETO, José Miguel. (Org.). *Dez anos de pesquisas em ensino de História*. 1ed.Londrina/ Brasília: Atrito Art/ FINEP, 2005, v. 1, p. 29-38.

34. GUIMARÃES, Selva. Saberes e práticas pedagógicas na formação inicial do professor para o ensino de História. In: ROMANOWSKI, J.P; MARTINS, P.L.O; JUNQUEI. (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal:praticas sociais, aulas saberes e políticas*. 1ed.Curitiba, Pr: Champagnat, 2005, v. 5, p. 215-221.
35. GUIMARÃES, Selva; MOURA, M. C. . Saberes e práticas pedagógicas de ensino de história: implementação dos PCNs nas séries iniciais do ensino fundamental.. In: José Migual Arias Neto. (Org.). *Dez anos de pesquisa em ensino de história..* 1ed.Londrina/Brasília: Atrito Art/Finep, 2005, v. 1, p. 591-607.
36. GUIMARÃES, Selva; COUTO, Regina Célia Do . Ensino de História, formação docente e perspectiva multicultural: redimensionando o olhar. In: Jose Miguel Arias Neto. (Org.). *Dez anos de pesquisas em ensino de Historia*. 1ed.Londrina/Brasília: Atrito/Arte FINEP, 2005, v. 1, p. 888-896.
37. GUIMARÃES, Selva; MOURA, M. C. . Saberes da docência e práticas de ensino de História. In: Selva Guimarães Fonseca; Silvana Malusá Baraúna; Arlete Bertoldo Miranda. (Org.). *O Uno e o diverso na educação escolar*. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2005, v. 1, p. 43-60.
38. GUIMARÃES, Selva. O ensino de História e o golpe militar de 1964. In: FICO, CARLOS; CASTRO, CELSO. (Org.). *1964-2004:40 anos de golpe militar: ditadura militar e resitência no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 7 Letras, 2004, v. 01, p. 364-380.
39. GUIMARÃES, Selva. Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: G. A. Cicilini, S.V. Nogueira. (Org.). *Educação escolar -políticas, saberes e práticas pedagógicas*. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2002, v. 1, p. 85-102.
40. GUIMARÃES, Selva. O Prazer de Viver e Ensinar História. In: ; Geni A Nader Vasconcelos. (Org.). *Como me Fiz Professora*. 1aed.Rio de Janeiro-RJ: DP&A, 2000, v. 1, p. 113-132.
41. GUIMARÃES, Selva. Vidas de Professores: Diálogos de Formação. In: VVAA. (Org.). *IX ENDIPE* (Anais). : , 1998, v. , p. 38-51.
42. GUIMARÃES, Selva. O Ensino de Historia e A Construcao da Cidadania. In: SEFFNER, Fernando e BALDISSERA, J. A. (Org.). *QUAL HISTORIA? QUAL ENSINO? QUAL CIDADANIA?*. 1Aed.SAO LEOPOLDO RS: UNISINOS, 1997, v. 01, p. 14-20.
43. GUIMARÃES, Selva. A Industria Cultural e As Mudancas No Ensino de Historia. In: SILVA, Zélia L. (Org.). *CULTURA HISTORICA EM DEBATE*. 1aed.SAO PAULO: EDUNESP, 1995, v. 1, p. 147-156.
44. GUIMARÃES, Selva. Vidas de Professores: Experiências de Pesquisa em História Oral. In: XXXX. (Org.). *Anais do II Enscontro Nacional de Pesquisadores na Área do Ensino de História*. 1ed.Rio de Janeiro-RJ: UFF, 1995, v. , p. 23-28.

45. GUIMARÃES, Selva; NADAI, E. ; STAMPACHIO, L. ; AGUIAR, V. T. B. . Criterios Para Analise e Selecao de Livros Didaticos de Estudos Sociais. In: FAE-MEC. (Org.). *DEFINICAO DE CRITERIOS PARA AVALIACAO DOS LIVROS DIDATICOS 1/4 SERIES*. 1ed.BRASILIA: MEC/FAE, 1994, v. 1, p. 94-130.

46. GUIMARÃES, Selva. O Ensino de Historia Na Escola Fundamental: do Samba do Crioulo Doido A Producao do Conhecimento Historico. In: CARDOSO, M. H E VEIGA, I. P. A. (Org.). *ESCOLA FUNDAMENTAL, CURRICULO E ENSINO*. 1aed.CAMPINAS: PAPIRUS, 1991, v. 01, p. 157-170.

Recebido em: 12 de abril de 2019

Aceito em: 20 de agosto de 2019